



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
de Investigación y Conocimiento Científico



e-revist@s

Sumários.org

Faculdade Santo Agostinho
revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 1, art. 4, p. 65-82, jan./fev. 2018
ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983
<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.1.4>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung

Zeitschriftendatenbank

MIAR

Diadorim

Tradição e Ancestralidade à Mesa: Símbolos da Imigração Italiana em uma Narrativa Literária

Tradition and Ancestrality at the Table: Symbols of Italian Immigration in a Literary Narrative

Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina
E-mail: heloisapreis@hotmail.com

Luiza Liene Bressan

Doutorado em Ciências da Linguagem Universidade do Sul de Santa Catarina
Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina
Professora do Centro Universitário Barriga Verde
E-mail: luizalbc@yahoo.com.br

Endereço: Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Unisul – Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon, CEP:
88.704-900, Tubarão/SC, Brasil.

Endereço: Luiza Liene Bressan

Unisul – Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon, CEP:
88.704-900, Tubarão/SC, Brasil.

Editor Científico: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 24/09/2017. Última versão recebida em 20/10/2017. Aprovado em 21/10/2017.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este estudo tem por objetivo refletir sobre o imaginário com base em um recorte da narrativa *A cocanha* de José Clemente Pozenato (2000). A partir do escopo teórico do imaginário concebido por Durand (2001), propomos uma discussão sobre os rituais de alimentação como trajetória de pertencimento, tradição e ancestralidade de um grupo de imigrantes italianos, conforme a narrativa já mencionada. Calçados na mitocrítica e na mitanálise, apontamos os símbolos que compõem e o regime diurno e regime noturno das imagens, bem como as recorrências e redundâncias que reforçam as estruturas de sensibilidade do desbravador em busca da cocanha, demarcando a italianidade.

Palavras-chave: Tradição. Ancestralidade. Alimentação. Pertencimento. Italianidade.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the imaginary from a cut of the narrative *A cocanha* by José Clemente Pozenato (2000). From the theoretical scope of the imaginary conceived by Durand (2001) we propose a discussion about the feeding rituals as trajectory of belonging, tradition and ancestry of a group of Italian immigrants, according to the narrative already mentioned. From mythcriticism and myth analysis, we point out the symbols that make up the diurnal regime and nocturnal regime of the images, as well as the recurrences and redundancies that reinforce the sensitivity structures of the pathfinder in search of cocanha, demarcating the italianity.

Keywords: Tradition. Ancestry. Feeding. Belonging. Italianity.

1 INTRODUÇÃO

Para a reflexão aqui proposta, tomaremos como ponto de partida uma cena que envolve o ritual desde o preparo até a degustação de uma refeição em descrição feita no romance *A cocanha*, de José Clemente Pozenato (2000). Trata-se de uma narrativa histórico-literária sobre a imigração italiana no sul do Brasil, mais especificamente na Serra Gaúcha, conhecida como RCI (região de colonização italiana). Nela, o autor descreve a saga da viagem empreendida por famílias italianas, desde a longínqua Itália até a chegada à colônia no interior do Rio Grande do Sul. Para esse estudo interessa-nos fazer um recorte da narrativa em que a alimentação é utilizada como metáfora poética de bem-estar, encontro, confraternização e bonança.

Desde as primitivas sociedades, as refeições são momentos em que os membros de uma comunidade partilham, além dos alimentos, as dores, as conquistas, os anseios e sonhos e, porque não dizer, um imaginário que os mantém unidos no devir.

A alimentação faz parte de um dos rituais mais antigos. O mito relacionado à mesa farta, à bonança aparece desde as sociedades primitivas, pois:

O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. Por que hesitar perante uma expedição marítima, uma vez que o Herói mítico já a efetuou num Tempo lendário? Basta seguir seu exemplo. Do mesmo modo, porque temer instalar-se num território selvagem e desconhecido, se se sabe que o que é necessário fazer? (...) O modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas (ELIADE, 1989, p. 120).

Foi em busca da cocanha¹ que levas de imigrantes italianos deixaram a Itália na segunda metade do século XIX, rumo à América, buscando o sonho da mesa farta. Essa terra mítica em que a bonança se caracteriza como metáfora de realização pessoal, simboliza:

[...] a forma mais geral e eficaz de perpetuar a consciência de um outro mundo, de um além, seja ele o mundo divino ou o mundo dos Antepassados. Este “outro mundo” representa um plano sobre-humano, “transcendente”, o mundo das realidades absolutas. É da experiência do sagrado, do encontro com uma realidade trans-humana, que nasce a ideia de que qualquer coisa existe realmente, que existem valores absolutos, capazes de guiar o homem e de dar um significado à existência humana. É, pois, através da experiência do sagrado que surgem as ideias de realidade, de verdade, de significação, que, mais tarde, serão elaboradas e sistematizadas pelas especulações metafísicas (ELIADE, 1989, p. 119).

¹ Cocanha – país das maravilhas, lugar mitológico que, a partir da Idade Média, habitou o imaginário europeu, descrito como terra da fartura, da alegria e da beleza, longe das guerras, da fome, onde mananciais inesgotáveis formam rios de vinho e leite e o sol feito de puro ouro se põe por trás de montanhas de queijo.

Imigrar para um novo país significava para muitos italianos a conquista da terra prometida, longe da miséria que os abatia por anos seguidos. Os relatos de Dall’Alba *et al* (1987, p.16) confirmam a busca de mesa farta, pois na pátria-mãe:

Durante o verão vivia-se até bem, com frutas e verduras. Produzíamos um pouco de trigo, milho e batatas. Duas vaquinhas nos davam algum leite. Fazíamos queijo. Mas trigo e milho eram vendidos para ter-se algum dinheiro para remédios e roupas. Comíamos batatas. Todo inverno comendo batatas cozidas na água, sem sal.

E as batatas que ficassem na saudosa pátria. A fome seria superada na *Mérica* que iriam construir, pois essa vontade do homem em estruturar seus pensamentos, seus desejos, personificando os tão variados fenômenos que compõem o mundo percebido, exterior ou interior, moveu-os à busca da cocanha, e tem continuidade no mundo moderno, conforme nos ensina Eliade (1989, p.156):

Descobrimos comportamentos míticos na obsessão do “sucesso”, tão da sociedade moderna, e que traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana; no êxodo para a “Subúrbia”, onde se pode distinguir a nostalgia da “perfeição primordial”; na paranoia afetiva daquilo a que se chamou o “culto do carro sagrado”.

Nesse sentido, a cena que escolhemos para analisar no estudo aqui apresentado, relaciona-se à conquista e à celebração exitosa do desbravamento do desconhecido, a luta permanente e insistente pela sobrevivência, a mesa ritualística como metáfora da própria vida que se quer vitoriosa, pois:

A necessidade de nutrir-se e de proteger-se, o fabricar utensílios, o sexo, a maternidade, os gestos e as brincadeiras, os sonhos e os pesadelos — tudo o que diz respeito tanto à alma como às funções do corpo podem ser cultuados, ritualizado, *mitificado* (ABEL, 2005, p.77).

É sobre essa mitificação gastronômica, cuja tecitura se enreda na própria história da narrativa, da qual extraímos o texto para aqui analisar. Época de Páscoa, momento de união. Os traços imaginais de um pertencimento se realizam ao redor da mesa. Comunhão da caça ao preparo, do saborear à gratidão, das necessidades biológicas à alegria.

Assim, a partir da Hermenêutica Simbólica, tendo o olhar aos sentidos que emanam ao redor daquela mesa, elegemos como técnicas de estudo a mitocrítica e mitanálise. Sob sua proposição, faremos uma análise dos elementos simbólicos constituintes da narrativa,

relacionando-os com os mitos do desbravamento e da cocanha e a relação da narrativa literária com a ambiência da imigração.

Já em outros estudos (MORAES, 2016; MORAES; BRESSAN, 2016a, 2016b) estudamos práticas culturais expressas pela literatura como um lugar de potência; a potência poética da trajetória do imigrante italiano como fomentadora do imaginário da imigração; Os seres desbravadores, que deixaram tradições, marcas de memória e símbolos de pertencimento. Ao redor da mesa, estão muitos destes símbolos narrados, como veremos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Ritual da Alimentação

Falar sobre alimentação é também falar das origens do ser humano e de sua sobrevivência como espécie. A história da alimentação é a história de diferentes rituais que vão desde a produção do alimento até sua degustação. O ato de alimentar-se está associado às relações sociais e culturais advindas das escolhas envolvidas nestas práticas geradoras de hábitos e formas variadas de convívio entre as pessoas. A ritualística alimentar é uma espécie de linguagem a lhe narrar a trajetória de uma comunidade, a evolução de seus conhecimentos e a dimensão de sua tecnologia. “Comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem” (CARNEIRO, 2005, p.71).

O Brasil tem um amplo território geográfico e cultural que revela uma pluralidade de povos, costumes e tradições, que pode ser revelada materialmente por meio dos hábitos alimentares construídos por grupos sociais a partir de elementos biológicos e, principalmente, sociais e culturais. O ato de comer está entre o que é natural e o que é social/cultural no homem pois, para sua sobrevivência é indispensável o alimento que, por sua vez, é utilizado e adaptado de acordo com os hábitos e costumes praticados em seu meio.

Entre os povos que constituem esta pluralidade etnográfica estão os italianos. Presentes em quase todas as regiões brasileiras, os italianos deixaram/deixam legados em muitos aspectos da cultura de nosso país. Talvez, um dos mais expressivos seja o legado gastronômico. Em toda a RCI, percebemos que as cenas à mesa reforçam a tradição e o pertencimento ao imaginário do imigrante, pois os símbolos trazem à memória seus antepassados, sua história, seus desafios e conquistas. A utilização de ingredientes, os pratos

tradicionais e a forma de fazê-los, bem como os rituais que envolvem a preparação e a degustação dos pratos, é a imagem da própria etnia. Retrato expresso em palavras é o que percebemos nas narrativas literárias, tão ricamente descritas em seus elementos simbólicos. Degustar *una bella polenta* parece metáfora à degustação da italianidade.

Em seus estudos, Maciel (2004, p. 27) afirma que “a cozinha de um povo é criada em um processo histórico que articula um conjunto de elementos referenciados na tradição, no sentido de criar algo único – particular, singular e reconhecível”. Para ela, a identidade social liga-se a um projeto coletivo em constante reconstrução, e não é algo dado e imutável, pois, “essas cozinhas estão sujeitas a constantes transformações, a uma contínua recriação. Assim, uma cozinha não pode ser reduzida a um inventário, a um repertório de ingredientes, nem convertida em fórmulas ou combinações de elementos cristalizados no tempo e no espaço” (MACIEL, 2004, p.27).

Interessante trazer à discussão o conceito de ancestralidade, especialmente na perspectiva do imaginário. Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 60) entendem tal categoria como “o traço constitutivo do meu processo identitário que é herdado e que persiste para além da minha existência”. A existência individual de cada imigrante (e seus descendentes, leitores, agora, das narrativas) é portadora desta ancestralidade, que vem de longa duração histórica. Esta é herdada pelos ritos das tradições culturais e esta herança coletiva pertence aos indivíduos, mas os ultrapassa. Ainda para os autores, duas estratégias nos iniciam a estes laços: a memória e a provação. Ambas tratam de estabelecer um processo de pertencimento, especialmente através de “ritos que relembram ao aprendiz a sua herança e a sua pertença a todo momento, para que não se esqueça de quem é e a que cultura pertence (‘memória’)”. E, ainda, os rituais testam o aprendiz para “verificar sua fidelidade, correção e apropriação dos valores e imaginário de tradição que se escolheu (‘provação’)” (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 61).

Vale esta relação pois, como veremos, a cena do ritual gastronômico, repleto de símbolos de ancestralidade e pertencimento, o que mostra claramente o elo entre a comensalidade e as práticas sociais e culturais, também reforçam o mito do desbravador tendo a mesa farta como imagem da sua bravura e seu desempenho, reforçando que a ancestralidade, neste caso a italianidade, se atualiza também na potência das situações de risco: “a ancestralidade se atualiza em nossas criações, principalmente nas situações-limites, de risco da própria sobrevivência, propiciando a religação (*re-ligare*) e releitura (*re-legere*) da pessoa em relação à sua querência, ao seu rincão, seu lugar, sua própria paisagem” (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 63).

Na narrativa de Pozenato (2000) a descrição do banquete, objeto dessa análise, está associada à superação dos dias amargos que antecederam à fartura da mesa descrita. Essa celebração pode ser compreendida como superação pois, quando da chegada às terras inóspitas da serra gaúcha, esses imigrantes vivenciaram muitos desafios, entre eles, a alimentação.

A alimentação se inscreve dentro de uma série de ciclos temporais socialmente determinados, como o ciclo de vida dos homens, com uma alimentação de lactente, de criança, de adolescente, de adulto e de idoso. A cada etapa correspondem estilos alimentares, compreendendo alguns alimentos autorizados, outros proibidos, os ritmos das refeições, os status dos comensais, os papéis, as condicionantes, as obrigações e os direitos. Representam tempos que vão se alternando ciclicamente, variando conforme o ritmo das estações e dos trabalhos no campo pelos agricultores, o da migração das caças pelos caçadores, a alternância de períodos de abundância e de penúria - sejam eles naturais, épocas de colheita e de poda, ou decididos pelos homens, de períodos festivos onde todos os alimentos são autorizados e de períodos de jejum parcial ou total. Enfim, é um ritmo cotidiano, com suas alternâncias de tempos de trabalho e de repouso, as diferenças das refeições, as comidas fora das refeições e sua implantação horária respectiva (POULAIN; NEIRINCK citados por POULIAN; PROENÇA, 2003, p.123).

Assim, constata-se a relevância atribuída à alimentação, em uma época em que superar a fome e dominar a natureza condicionou os imigrantes italianos, fazendo com que até hoje a gastronomia regional seja reconhecida, via de regra, pela fartura, mais do que pela diversidade gastronômica.

2.2 O Imaginário como potência simbólica associado à Alimentação

Gilbert Durand (2001) afirma que o imaginário, ou *Museu Imaginário*, é o lugar “de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2001, p. 6). Nele circulam todas as imagens que atuam como dinamizadoras da vida. De acordo com o autor, o museu imaginário impõe-se como uma educação estética, a qual diz respeito aos simbolismos que tocam as pessoas e permitem uma ordem por meio dos sentidos (DURAND, 2012, p. 430). Nessa perspectiva Silva (2006, p.12) enfatiza que “o imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal”.

Alimentar-se é um rito simbólico. O mito da busca pela terra prometida está imbricado na ideia de fartura alimentar. A descrição da cocanha como lugar mítico vem carregado pelas

imagens da mesa farta, da bebida em abundância, da celebração da vida pelo alimento que sustenta e dá vigor.

Essa terra da cocanha mítica em alimentação abundante constitui a figuração do sentido, rito simbólico, sentido figurado “que é o verdadeiro sentido, o sentido mais elevado enquanto verdade demiúrgica” (CARVALHO, 1998, p.56). Ricouer (citado por CARVALHO, 1998, p.67) comenta sobre a hermenêutica do símbolo e seu duplo sentido. Para o pensador:

O símbolo dá que pensar; esta sentença que me encanta diz duas coisas: o símbolo dá; eu não ponho o sentido, é ele que dá o sentido, mas aquilo que ele dá, é “que pensar”, de que pensar. A partir da doação, a posição. A sentença sugere, portanto, ao mesmo tempo, que tudo está dito em enigma e, contudo, que é sempre preciso tudo começar e recomeçar na dimensão do pensar. É esta articulação do pensamento dado a ele próprio no reino dos símbolos e do pensamento ponente e pensante, que eu queria surpreender e compreender (RICOEUR, 1990, p. 283).

Concordando com Ricouer (1990) o símbolo do ato da alimentação expressa e articula o pensamento mítico para além do sentido denotativo do signo. Torna-se potência de expressão do bem-estar e do encantamento prazeroso do saciar a fome, está também simbólica. E esse simbolismo tem uma estreita ligação com os regimes de imagem proposto por Durand (2012). Para o estudioso francês, as imagens se projetam em dois grandes regimes: o diurno e o noturno. O primeiro é marcado pelas antíteses, pelo sentido heroico de vencer a morte. Nesse estudo, o *tanatos* é a fome com quem o imigrante degladiará para vencer. Já o regime noturno, em que se verifica uma tendência progressiva para a eufemização dos terrores brutais e mortais (DURAND, 2012, p. 194), será dividido pelo antropólogo francês em dois grupos de símbolos: o primeiro, denominado regime noturno místico, caracterizado essencialmente pelos símbolos da inversão e da intimidade; o segundo, denominado regime noturno sintético, será representado por símbolos cíclicos e por símbolos progressistas.

Assim, o regime noturno místico caracteriza-se por um esforço de eufemização dos males que assolam o homem e consiste em mergulhar numa intimidade substancial e em instalar-se pela negação do negativo numa quietude cósmica de valores invertidos, com os terrores exorcizados pelo eufemismo (DURAND, 2012, p. 281). O regime noturno sintético, pela ambição fundamental de dominar o devir pela repetição dos instantes temporais, vencer diretamente Cronos já não com figuras e em um simbolismo estático, mas operando sobre a própria substância do tempo, domesticando o devir (DURAND, 2012, p. 281).

Ao pensarmos na cena descrita na narrativa, os dois regimes propostos por Durand (2012) estão alinhados na narrativa, pois o herói que sai à caça para buscar o sustento da família é o mesmo que, em intimidade da ceia farta, goza da saciedade e domina o devir, pondo-se a vislumbrar o progresso.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

3.1 Algumas notas sobre a literatura produzida por imigrantes

A produção literária sobre imigrantes no Brasil até meados do século XX se deu a partir de discursos relatados por outrem. Inúmeras personagens com os mais diversos sotaques se fizeram presentes na produção literária de autores brasileiros que escreveram sobre a presença de grupos étnicos que faziam parte da formação do povo brasileiro.

Da segunda metade do século XX em diante, surge um elemento novo que se relaciona com a literatura sobre imigrantes no Brasil. Os descendentes desses imigrantes começam a produzir uma ficção que tem como centro narrativo o grupo em que se situam, em cujas raízes se erguem como galhos da frondosa árvore das correntes imigratórias. Em seus estudos sobre a temática, Capela assim se manifesta:

A recuperação do passado dos imigrantes por parte de descendentes constitui, aliás, uma tendência ainda presente. Para os italianos, é o que atesta, por exemplo, a ficção de José Clemente Pozenato, com *O Quatrilho* (1985) e *A cocanha* (2000), que procura preservar a memória da imigração italiana para o Brasil. O estranhamento, então, tem menos por objeto os recém-chegados que o ambiente e a população do país que os recebe. Trata-se de uma tentativa de resgatar, pelo viés de personagens de imigrantes, dificuldades que tiveram de enfrentar antes, durante e após a realização da travessia. A literatura é, antes de tudo, um fato de linguagem. A representação de estrangeiros na prosa de ficção coloca, por isso, o problema da pertinência ou da demanda de “traduzir”, precisamente no domínio da linguagem, diferenças culturais (CAPELA, 2001, p.152).

Falar sobre uma literatura de imigrantes italianos é mover-se em um terreno pouco conhecido ainda. A grande massa de imigrantes italianos que veio para a região sul tinha pouca cultura letrada e poucos tiveram contato com a literatura escrita oficial do país de origem. Para o Novo Mundo veio, prioritariamente, uma literatura oral. “Portanto, não veio com o imigrante italiano a tradição literária escrita, e seriam necessários alguns passos culturais para que a literatura escrita, com cunho do imigrante, viesse a ser produzida aqui” (POZENATO, 1979, p.226).

A narrativa *A cocanha*, publicada em 2000, é de autoria de José Clemente Pozenato, escritor rio-grandense, nascido em São Francisco de Paula, região serrana do Rio Grande do Sul. Esse escritor notabilizou-se com o romance “*O quatrilho*” (1985), adaptado para o cinema, em filme dirigido por Fábio Barreto e indicado para o Oscar em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro.

A narrativa, que conta a saga dos imigrantes italianos que desbravaram o interior do Rio Grande do Sul, é desenvolvida em trezentas e setenta e uma páginas, divididas em quatro partes. A primeira, constituída por quinze capítulos, relata o momento em que as famílias saem de Verona, de trem, em direção a Gênova para começar a longa viagem, em novembro de 1883. Durante o percurso, por meio de pensamentos e lembranças das personagens principais, o leitor conhece os motivos da partida e a vida de cada um. Após, as personagens embarcam no navio— na terceira classe – rumo ao Brasil, quando passam por inúmeras dificuldades, como acomodações precárias, doenças, pouca água, com “gosto do ferro” dos canos e, inclusive, risco de morte. A segunda parte – com vinte e quatro capítulos – inicia quando os imigrantes partem, por terra, de Porto Alegre até Campo dos Bugres. A terceira apresenta dezessete capítulos, contando especialmente sofrimentos e dificuldades enfrentadas pelos colonos, como a epidemia de varíola. A quarta parte, que encerra a narrativa, descreve a primeira leva de imigrantes como pioneira na formação de uma família com laços bem construídos e repassa o legado de continuar desbravando o país da cocanha aos filhos nascidos em solo brasileiro. Caberá a eles continuar o trabalho iniciado pelos pioneiros.

Este estudo é apenas um recorte sobre um ritual de alimentação descrito por Pozenato e que ilustra, poeticamente, um momento privilegiado de fartura no processo imigratório dos italianos.

A partir da descrição de uma refeição coletiva de todos os moradores, procura-se identificar o imaginário que se construiu a partir desta celebração festiva preservada na memória da imigração italiana no sul do Brasil. Trata-se de uma tentativa de resgatar, pelo viés da celebração da mesa farta, dificuldades que tiveram de enfrentar antes, durante e após a realização da travessia.

3.2 A mitocrítica e a mitanálise como categorias de análise na teoria do imaginário

Cabe à Hermenêutica Simbólica, ramo da Filosofia, a interpretação de textos, buscando compreender e interpretar o sentido de uma obra. Tal qual Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 120), estamos pensando para este e outros estudos que temos desenvolvido

na *Mitohermenêutica*: busca interpretativa, de cunha antropológico, através de símbolos e imagens expressos nas obras da cultura e das artes, sobre o sentido da existência humana. Reforçam os autores que “é a própria descrição de uma determinada estrutura de sensibilidade e de estados da alma que a espécie humana desenvolve e sua relação consigo mesma, com o Outro e com o mundo, desde que, descendo das árvores, começou a fazer do mundo um mundo humano”. E continuam: “daí a importância também das metáforas, como meta-phoros, um além sentido que impregna a imagem e explode a sua semântica. Diferente, portanto, das concepções usuais de ‘mito’ como algo ilusório, fantasioso, falacioso” (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 121).

As estâncias mitohermenêuticas apresentadas pelos pesquisadores do imaginário em seus estudos, são as que seguem: ressonância (momento pré-compreensivo dos símbolos, dada ressonância em nossa estrutura de sensibilidade), estesia (arranjo estético narrativo das imagens), diacronia (fio cronológico da narrativa pela sequência de imagens), etimologia (arranjo semântico nas nomeações) e núcleos mitêmicos e arquetipais (redundâncias e recorrências da narrativa). Esta última equivale à metodologia, mitanálise e mitocrítica, de Durand.

Para fins metodológicos, seguiremos as estâncias acima como *ambientação* da/com a narrativa para, especificamente, debruçarmo-nos na última, a qual nomearemos mitanálise e mitocrítica, como técnicas de interpretação simbólica. As redundâncias e recorrências serão percebidas, assim como as imagens que reforçam em suas estruturas de sensibilidade, divididas nos dois regimes de imagens já mencionados. A literatura é fonte desta expressão. Materialização do devaneio poético, “ligação profunda entre mito, símbolo (metáfora) e vida” (ALMEIDA, 2011, p. 31).

De maneira geral, a mitocrítica está ligada ao texto cultural e a mitanálise, a partir daquela, relaciona as recorrências míticas ao contexto sociocultural, estudando o mito de uma sociedade em determinado tempo e espaço. Os registros literários estão ancorados em narrativas míticas, “perfazem um campo significativo do amplo repositório de imagens através do qual a História se constrói, demarca e lega, geração após geração, a riqueza da experiência humana” (UMEDA, 2011, p. 39). Assim, traremos a mitocrítica da cena escolhida para análise, especificamente pela sua temática da alimentação como ato simbólico. E, ainda, discutiremos a ambiência histórico-cultural do grupo de imigrantes italianos, o que caracteriza a mitanálise.

3.3 Um jantar à italiana: a celebração da conquista

A cena de *A cocanha* selecionada para a análise descreve a chegada da Páscoa e o ensejo de preparar uma grande festa. Um ano já se passara desde que foram morar em suas propriedades. Assim, “espingardas no ombro, bolsas abastecidas de pólvora e chumbo, os homens saem da bodega do Miro para a grande caçada” (POZENATO, 2000, p. 252-253). Inicia-se, aqui, o ritual de preparação da ceia pascal. O herói busca desbravar a mata, caracterizando o regime diurno das imagens “estruturado pela dominante postural, concernente à tecnologia das armas, à sociologia do soberano mago e guerreiro, aos rituais de elevação e da purificação”. Sendo assim, o regime diurno comporta todos os símbolos da ascensão, aqueles que nos elevam e que nos direcionam ao alto (TURCHI, 2003, p.27). O imigrante empunha a arma como dominador na tentativa de materializar seu poder sobre o *Cronos*, desafiando o medo, a morte, o desconhecido que se apresenta na mata cerrada que vai desbravar, para empreender a caça aos passarinhos que se alimentam em suas lavouras de milho.

A caça farta naquele momento é a expressão de mesa posta, de celebração da vida, conforme comprovam as palavras de Pozenato (2000, p.253): “Todos trazem as sacolas cheias, vai ser uma passarinhada memorável, de contar para os netos”. Essas imagens que consagram o sucesso da caçada, momento que antecede a *passarinhada* aparece, na narrativa, com todas as antíteses, próprias do regime diurno da imagem, pois as personagens precisam enfrentar o medo para obter o sucesso na missão, o que nos reporta à Pitta (2005) ao citar Durand, quando diz que há apenas três saídas para sobreviver, quais sejam: empunhar as armas, destruir o monstro (a morte) e criar um cosmo cheio de harmonia em que a morte não o invada, compreendendo o tempo como um ciclo no qual morrer é renascer. Na narrativa de Pozenato, é preciso que os imigrantes italianos deixem morrer o medo para que garantam a *passarinhada*, símbolo que remete à ideia de sobrevivência ligada à alimentação e à celebração da vitória.

Vencida a jornada diurna, chega à noite, trazendo com ela as forças harmonizantes e unificadoras (regime noturno das imagens) expressas nessa descrição de Pozenato:

À noite, o cheiro da passarinhada assando nos espetos, temperada com sálvia e fatias de toucinho, pingando gordura nas fatias douradas de polenta, deixa todos inebriados. No país da cocanha, conta-se, as aves caem já assadas do céu. Estas caem do céu, mas cabe a eles assá-las, sentindo o aroma que entra pelas narinas e invade o corpo até a profundidade da alma. É maior que o da cocanha esse prazer de

estarem preparando o banquete com suas próprias mãos, tendo a sensação da fartura sem limites (POZENATO, 2000, p.254).

As riquezas de imagens presentes no trecho acima comprovam as forças que harmonizam e unificam os imigrantes. A cocanha finalmente se revela em forma de banquete em que “a queda heroica se transforma em descida e o abismo em receptáculo. Assim, ascender ao poder não é o objetivo maior e sim descer à procura do conhecimento. O regime noturno da imagem estará constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo” (DURAND, 2012, p.197).

Ao lado das duas grandes configurações simbólicas do imaginário apresentadas na descrição da ceia em Pozenato (2000), o regime diurno, com a apresentação do imigrante como herói (provedor de alimentos na colônia), e o regime noturno que mostra o momento da ceia, harmonizando os contrastes vividos pela procura do alimento (à caça aos pássaros), um grupo de outros símbolos manifesta-se nas estruturas sintéticas que também integram o regime noturno das imagens. Esses símbolos se relacionam com o ritual que envolve a preparação da ceia, apontando para a intimidade que antecede ao grande gozo de saciar a fome.

Os homens riem e falam alto [...] as mulheres mexem as panelas de polenta [...] Mas são tantas as mulheres que a maioria delas pode ficar sentada e saborear o próprio cansaço [...] As crianças de berço dormem dentro de casa. As outras estão ali, rodeando os preparativos, de olhos embevecidos, mudas, cheias de desejo (POZENATO, 2000, p.255).

Pela descrição acima, percebemos o dinamismo interior que move a narrativa. Busca-se harmonizar a antinomia subjacente ao que já passou, no caso, os riscos na caçada e o devir. O contraste entre as agruras da conquista do alimento para a ceia e o triunfo da conquista, enquanto o alimento é preparado. Esta harmonização configura-se numa energia móvel em que adaptação e assimilação se reúnem de forma harmoniosa em que o contraste do dualismo diurno é substituído pela mediação dos contrários. Integrando os símbolos que se referem à intimidade, componentes místicos durandianos, temos *os alimentos e substâncias*. A substância é a intimidade da matéria e “toda alimentação é trans-substanciação”, pois o alimento é transformado em energia ao modificar sua essência (PITTA, 2005). Aqui, também são apresentados os alimentos arquetípicos como o leite, relacionado ao afeto significativo da amamentação; o mel, às bebidas sagradas; o sal. Estes componentes místicos do imaginário

amenizam a angústia existencial e a morte, negando suas existências e possibilitando vislumbrar um universo harmonioso no aconchego e no íntimo de si mesmo e das coisas.

Finalmente a ceia é servida, conforme relata Pozenato (2000, p.255):

Chega enfim a hora de sentarem todos à comprida mesa feita de tábuas, apoiadas em cavaletes. Os olhares convergem num silêncio religioso para a polenta fumegante e para as travessas repletas de dourados passarinhos. É tão grande a comoção que, se alguém não disser uma brincadeira para provocar o riso, as lágrimas vão começar a correr. É Bépi quem diz, vamos comer logo, antes que venham os bugios.

A comoção diante da mesa farta, luta incessante dos primeiros imigrantes que chegaram à serra gaúcha, conforme a narrativa aqui analisada, empresta um sorriso novo à face de *Cronos*, abrindo, pelo regime noturno das imagens, as portas da esperança de um devir venturoso como outrora sonharam ao deixar a Itália. E o rito de passagem da miséria à bonança, ainda que momentânea, continua. A fartura, ou o desejo de sua manutenção, é claro: “as mulheres mexem as panelas de polenta, e não pode faltar polenta, e antes sobrar do que faltar” (POZENATO, 2000, p. 255). Ainda percebemos esta prática no imaginário italiano ligado à alimentação.

Enfim, vemos no texto o momento da reverência, da comunhão: “chega, enfim, a hora de sentarem todos à comprida mesa feita de tábuas, apoiadas em cavaletes. Os olhares convergem num silêncio religioso para a polenta fumegante e para as travessas repletas de dourados passarinhos. É tão grande a comoção (POZENATO, 2000, p. 255).

Percebemos um ritmo da alimentação: da fome à apreciação. Do biológico ao simbólico. E os símbolos do prazer são evocados na narrativa, relacionando o momento da ceia e a potência da imaginação. E, ao sabor da tradição, colocar-se no paraíso pelas vias do imaginário:

As mãos avançam sobre os pratos. Os passarinhos são tão bem assados que os dentes podem moer até mesmo os ossos, a começar pela cabeça, sem perder nada de nada. Para mais proveito de tanta delícia, lambem os dedos, juntam na polenta a gordura que escorre, e ninguém diz uma palavra. Só depois de passada a sofreguidão é que percebem como estão em silêncio. Saciada a fome mais urgente, podem então em ritmo mais lento, explorar a fundo os sabores e entornar os copos de vinho, vendo as estrelas do céu, quem sabe imaginando-se no paraíso (POZENATO, 2000, p. 255).

Diante da celebração da mesa farta, o silêncio, a intimidade expressa o mergulho na profundidade, a primazia dos sentidos saciados na sofreguidão com que comeram nessa

primeira etapa da refeição vai aos poucos ceder espaço ao deleite, à degustação do sabor, de acordo com a narrativa de Pozenato (2000, p. 255-256):

Só depois de passada a fome mais urgente, podem então, em ritmo mais lento, explorar a fundo os sabores e entornar os copos de vinho, vendo as estrelas do céu, quem sabe imaginando-se no paraíso. Depois do vinho, a conversa se torna solta, sem o freio das convenções. Os olhares se fazem ternos, são esquecidas eventuais desavenças e esquecidos todos os dissabores de um ano de luta e trabalho.

Depois de saciados, no espaço em que partilharam a alimentação, Pozenato (2000) descreve as cantorias italianas, celebrando a vida e a mesa farta. A noite corria mansa, o espaço da mesa ganha contornos míticos: lugar antes da partilha do alimento, agora é cenário para os jogos de *mora*, tão recorrentes entre os imigrantes italianos. Os homens se divertem e as mulheres segredam intimidades, enquanto fazem a limpeza dos pratos e garfos, numa cumplicidade ímpar de quem tem saciada a necessidade de comer. Nesse momento, reinava a harmonia, quase um deleite. Naturalidade do pertencimento: “sem que ninguém convide, alguém entoia um canto” (POZENATO, 2000, p. 256). Momento de comunhão, ainda que tão bem descrita a força do gestual italiano. Não era difícil imaginar que a cocanha finalmente se revelara a eles.

E, depois de toda empolgação:

Enfim, mais forte que a alegria, o cansaço toma conta de todos. As pálpebras pesam, os bocejos são incontroláveis. Cada qual arrebanha os seus filhos e toma o rumo de sua casa. Archotes acesos espalham-se em todas as direções, pelas picadas, por entre a escuridão das árvores. Mas no rosto de todos, das crianças, das mulheres, dos homens, junto ao travesseiro, continua o sorriso, preso ali como fivela. Assim dormem, e quem os vê dormindo dirá que continuam a festa dentro dos sonhos (POZENATO, 2000, p. 257).

E o sonho amanheceria também, mas por hora, a quietude do repouso depois da farta ceia os deixara saciados de corpo e espírito. Um novo porvir estava à espera desses heróis e heroínas, desafiando-os na fascinante aventura humana de construir, com suor e teimosia, a *Mérica*, terra de fartura de bonança, a terra prometida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procuramos refletir sobre as manifestações do imaginário, como parte integrante de uma cultura, no ritual que envolve uma refeição, desde sua preparação até a degustação, observando que o processo histórico do Brasil, em sua fase de ocupação territorial, trouxe ao cenário brasileiro uma profusão de etnias.

Muitas são as contribuições dessas etnias à gastronomia que vão desde os portugueses, africanos, holandeses, árabes, italianos. Todos estes povos que habitaram/habitam regiões do nosso país e, com seus saberes típicos, contribuíram para a existência de uma gastronomia ímpar de um grupo ou comunidade, criando uma estrutura sociocultural própria de onde se estabeleceram.

Partimos da referência simbólica, já de outros estudos que vimos realizando, de que os imigrantes italianos se apresentam, nas narrativas literárias, ligados ao modelo mítico desbravador. Aquele que, em busca da cocanha, tem que produzi-la, pois em terras inóspitas, longe dos devaneios que os trouxeram, o ambiente era desafiador. A labuta pela sobrevivência estava sempre permeada pelos símbolos que reforçavam este imaginário do imigrante e, a gastronomia, potencial simbólico de pertencimento.

Dessa forma, as escolhas alimentares passam a ser parte de um sistema simbólico mais abrangente; e a gastronomia passou a ser considerada um patrimônio intangível, pela simbologia que o alimento compreende, por ser uma fonte de identificação; portanto, expressão de um coletivo que se harmoniza em torno da ritualística do alimento.

Assim, os saberes e os sabores de uma *passarinhada* e toda a criatividade na forma de preparar a iguaria deixam transparecer o imaginário. Na cena descrita na narrativa, o hábito e a tradição de um grupo que saboreia uma ceia e sabe apreciá-la de forma singular evoca uma cultura e imaginário veiculados pela gastronomia. Sentar-se ao redor da mesa, contemplando a preparação do alimento, cheia de tradição, reforça os laços de pertencimento e ancestralidade. Na mesa de tábuas apoiadas em cavaletes, uma série de sensações compartilhadas. O vínculo comemorado com vinho e polenta.

REFERÊNCIAS

- ABEL, B. Mircea Eliade e o mito. **Revista Kalíope**. São Paulo, ano 1, n.1, 2005.
- ALMEIDA, R. **Mitocrítica e mitanálise**: no campo da hermenêutica simbólica. In GOMES, Eunice Simões Lins (org). Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- CAPELA, C. E. S. **Italianos na ficção brasileira**: Modernidade em processo. Fragmentos, número 21, p. 147/164 Florianópolis/ jul - dez/ 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/download/6549/6184>. Acesso em 04/mar./2017.
- CARNEIRO, H. S. Comida e sociedade: significados sociais na História da Alimentação. In: **História Questões & Debates**, Nº 42, jan.-jun. 2005, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná.
- CARVALHO, J C. P. **Imaginário e Mitologia**: Hermenêutica dos Símbolos e Estórias da Vida. Londrina: editora UEL, 1998.
- DALL'ALBA, P. J. L. *et al.* **História de Ana Rech**. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.
- DURAND, G. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, M. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FERREIRA-SANTOS, M; ALMEIDA, R. **Aproximações ao imaginário**: bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.
- MACIEL, M. E. Uma cozinha à brasileira. In: **Estudos Históricos**: alimentação. nº 33, 2004. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2004.
- MORAES, H J. P; BRESSAN, L. L. Entre a conquista e o repouso: elemento Terra como imaginação poética em uma narrativa sobre imigrantes italianos. **Fólio – Revista de Letras**. Vitória da Conquista- BA. v.8, n.1, p. 473-491, jan./jun. 2016a.
- _____. Imaginário e religiosidade na obra Operários de Primeira Hora, de Valdemar Mazzurana e o regime noturno das imagens. **Revell**. Ano 7. v.2, n. 13, p. 42-58, ago. 2016b.
- MORAES, H. J. P. **Sob a perspectiva do imaginário: os mitos como categoria de estudos da cultura e da mídia**. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs). Análise de Discurso em rede: cultura e mídia. v.2. Campinas: Pontes, 2016.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

POULAIN, J. P; PROENÇA, R. P. C. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Rev. Nutr.**, Campinas, 245-256, jul./set., 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n3/a02v16n3>. Acesso em 20 de março de 2017.

POZENATO, J. C. A literatura da imigração italiana. Imigração italiana: estudos. **Anais do I e II fórum de estudos ítalo-brasileiros (1975-1976)**. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: EST, 1979, p.225-231.

____. **A cocanha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

RICOUER, P. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Trad.: M. F. Sá Correia. Porto-Portugal: Editora Rés,1990.

TURCHI, M. Z. **Literatura e Antropologia do Imaginário**. Brasília: Editora UnB, 2003.

UMEDA, G. M. **Música Sonora ou o mito inscrito no corpo: considerações sobre mito, música e imaginação**. In GOMES, Eunice Simões Lins (org). **Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

MORAES, H. J. P; L. L. BRESSAN, Tradição e Ancestralidade à Mesa: Símbolos da Imigração Italiana em uma Narrativa Literária. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.1, art. 4, p. 65-82, jan./fev. 2018.

Contribuição dos Autores	H. J. P. Moraes	L. L. Bressan
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X